

## UM DOS PRIMEIROS CASOS MODERNOS DE EQM COM EFC

Marcio Rodrigues Horta<sup>1</sup>

Em 08/1889, ano da proclamação da República no Brasil, A. S. Wiltse, médico natural do Estado do Kansas, EUA, padecia de febre tifoide. Seu caso evoluiu de modo tão grave que, alguns dias após o início da moléstia, ele foi considerado morto pelo médico presente. Durante seu velório, subitamente, o “defunto ressuscitou” e, imediatamente, passou a narrar uma experiência ‘mística’ com entusiasmo.

Sua história foi publicada no *Jornal de Medicina e Cirurgia de Saint Louis* em 1889 e foi republicada em 1892 no periódico *Procedimentos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas* da Inglaterra. Neste, o texto foi apresentado por Frederic Myers e algumas perguntas de Richard Hodgson foram respondidas por testemunhas oculares do episódio e incluídas na apresentação.

Tal como várias outras ‘experiências de quase morte’ (EQMs), a ocorrência vivida pelo médico americano teve ao menos duas fases distintas: uma caracterizadamente onírica, muito similar a um sonho lúcido; e outra mais intrigante e valiosa que, não obstante ainda possuir aspectos similares ao sonho, parece ser também objetiva, pois o experienciador descreve acontecimentos físicos cuja corroboração por pessoas que também os viram preenche um requisito científico, aquele do materialismo metodológico.

Do ponto de vista filosófico, quem toma conhecimento dos estudos relativos a EQMs nota a possível pertinência de algum tipo de dualismo.

E não é apenas a sugestiva presença em nós de algo tal como uma “alma”. Não é incomum, nos relatos de EQMs, que esta entidade se movimente por aí e apresente capacidade cognitiva, caracterizando o que modernamente é chamado de ‘experiência fora do corpo’ (EFC).

Portanto, o tema diz respeito a um antigo debate: o que somos? E o mais importante é que, distintamente do passado, agora o assunto pode ser e tem sido tratado no âmbito da ciência.

Segue a tradução do artigo publicado em um jornal de medicina da cidade de *Saint Louis*, Missouri, EUA, e do tratamento dado ao caso por uma apresentação da *Sociedade de Pesquisas Psíquicas* inglesa.

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela USP e funcionário de carreira do TRE/SP.

SOBRE A FEBRE TIFOIDE COM  
PULSO E TEMPERATURA BAIXOS<sup>2</sup>

FENÔMENOS PSICOLÓGICOS<sup>3</sup>

Por A. S. Wiltse<sup>4</sup>

Ao abordar esta parte do meu assunto<sup>5</sup>, sei que piso em terreno perigoso<sup>6</sup>. Não apresentarei teorias, mas tentarei colocar quem deseje fazê-lo na posse de tantos fatos quanto possível para fundamentar sua pesquisa, confiando que todos objetivam sinceramente o único fim da ciência, a saber, o fato (apenas outro nome para a verdade ou o conhecimento final). Por conveniência de expressão, por favor tenham em mente que escreverei como se tudo houvera sido real.

Creio ter perdido todo o poder de pensar ou a percepção da existência, uma absoluta inconsciência. Claro, não preciso adivinhar o tempo que assim se passou, pois, em tal estado, um minuto ou mil anos pareceriam iguais. Eu retornei a um estado de existência consciente e descobri que ainda estava no corpo, mas o corpo e eu não tínhamos mais nada em comum. Olhei com espanto e alegria pela primeira vez para mim mesmo: o eu, o Ego real, enquanto o não-eu se fechava por todos os lados tal como um sepulcro de barro.

Com interesse de médico, vi maravilhado minha anatomia corporal intimamente entrelaçada na qual, tecido por tecido, eu era a alma viva daquele cadáver. Percebi que a epiderme era o limite externo dos tecidos iniciais, por assim dizer, da alma. Percebi minha condição e raciocinei calmamente assim: eu passei por aquilo que os homens chamam de morte e, ainda assim, permaneço sendo um homem. Estou prestes a sair do corpo<sup>7</sup>. Observei o interessante processo de separação da alma e do corpo. Por algum poder (que aparentemente não era meu), o eu foi balançado para lá e para cá, lateralmente (tal como um berço) e, por este processo, sua conexão com os tecidos do corpo foi rompida. Após pouco tempo, o movimento lateral cessou e, ao longo das solas dos pés (começando pelos dedos dos pés e pressionando rapidamente até os calcanhares), senti e ouvi o suposto estalar de inumeráveis pequenos cordões<sup>8</sup>. Enquanto isto acontecia, passei lentamente a me retrair dos pés em direção à cabeça, tal como um cordão de borracha que se encurta. Recordo-me que, quando cheguei nos quadris, disse a mim mesmo: “agora não há vida abaixo dos quadris”. Não consigo me lembrar de passar pelo abdômen e tórax, mas me lembro distintamente do momento em que todo o meu eu se recolheu na cabeça, quando refleti assim: estou todo na cabeça agora e logo estarei livre. Passei pelo cérebro como se fosse oco rumando para seu centro, comprimindo-o e à sua membrana ligeiramente por todos os lados, e espiei por entre as suturas do crânio, emergindo como as bordas achatadas de uma bolsa de membranas. Lembro-me distintamente de como pareci a mim mesmo algo como uma água-viva relativamente à cor e à forma<sup>9</sup>. Quando emergi<sup>10</sup>, *vi duas damas sentadas à minha frente*<sup>11</sup>, calculei a distância entre a cabeceira da minha cama e os joelhos da dama oposta à minha cabeça e concluí que havia espaço para eu ficar de pé; porém, fiquei consideravelmente embaraçado quando refleti que estava prestes a emergir nu diante dela<sup>12</sup>, mas me confortei com o pensamento de que muito provavelmente ela não conseguiria me ver com seus olhos corporais, pois eu era um espírito. Quando emergi da cabeça, flutuei para cima, para baixo e lateralmente como uma bolha de sabão presa à tigela de um cachimbo, até que finalmente me soltei do corpo e caí levemente no chão, de onde lentamente ergui me expandindo na completa estatura de um homem<sup>13</sup>. Eu parecia ser translúcido, ter um tom azulado e estar perfeitamente nu. Com uma

2 Tradução e notas de Marcio Rodrigues Horta. Revisão temática de Vitor Moura Visoni, parapsicólogo fluminense.

3 Lido na Sociedade Médica Triestadual (Tenessi, Alabama e Geórgia), na cidade de Chattanooga, Tenessi, em 15/10/1889.

4 Médico da cidade de Skiddy, Kansas.

5 Esta parte “psicológica” da palestra segue após a parte médica, na qual o autor discorreu longamente sobre o tratamento disponível para a febre tifoide na medicina daquela época.

dolorosa sensação de embaraço, fugi em direção à porta parcialmente aberta para escapar aos olhos das duas damas que eu encarava, bem como de outros que sabia estarem sobre mim<sup>14</sup>, mas ao alcançar a porta me apanhei vestido<sup>15</sup> e, satisfeito com isto, virei-me e encarei os circunstantes.

Quando me virei, meu cotovelo esquerdo tocou o braço de *um dos dois cavalheiros que estavam de pé na porta*<sup>16</sup>. Para minha surpresa, seu braço atravessou o meu sem resistência aparente, e de modo indolor as partes segmentadas se reuniram novamente no ar. Olhei rapidamente para seu rosto para ver se havia notado o contato, mas ele não me deu nenhum sinal, apenas permaneceu de pé e olhou para a cama da qual eu havia acabado de sair. Voltei o olhar nesta direção e vi meu próprio cadáver. Estava deitado exatamente como eu havia me esforçado tanto para colocá-lo, parcialmente sobre o lado direito, os pés juntos e mãos cruzadas sobre o peito. *Fiquei surpreso com a palidez do rosto. Há dias que não me olhava no espelho e não imaginava estar tão pálido quanto*

---

6 Por que o médico Wiltse *teme* tocar nesse assunto em uma sociedade científica? No passado, igrejas perseguiram cientistas heterodoxos, e muitos destes temeram publicar em virtude de possível sanção. Porém, agora, o tema está sendo apresentado a *cientistas*, e não a clérigos intolerantes. Por que o temor de Wiltse (e de tantos outros) *de contar sua experiência pessoal*? Richard Hodgson, doutor em direito e notável pesquisador do que hoje é chamado ‘paranormal’, também temia perder reputação caso admitisse que suas pesquisas no campo o conduziram à convicção de que algo do que vive *sobrevive* à morte física. Ele somente declarou sua posição antes de morrer. Creio que, caso a humanidade não seja desorganizada por um possível *apocalipse* causado pelo ‘sucesso’ retumbante do capitalismo, não suportado ecologicamente, historiadores do futuro (já herdeiros da *boa nova*, assim como hoje somos herdeiros da senda científica aberta por Copérnico) haverão de se debruçar sobre o tema, observando que a “defenestração” (que certas sociedades científicas faziam com heterodoxos no início da modernidade), nos tempos presentes, algumas vezes é praticada contra quem não professa a metafísica do *mainstream*.

7 Curioso conhecimento antecipado que Wiltse parece apresentar em alguns momentos de sua narrativa. Por outro lado, algumas vezes ele é apanhado de surpresa pelos acontecimentos - tal como em uma partida de xadrez, na qual parte dos desdobramentos depende de um jogador e a outra parte não.

8 Esse ponto do testemunho de Wiltse é muito interessante. Sugere que corpo e alma se ligam por inumeráveis fios, que vão se rompendo com a morte até a completa libertação da alma. Recentemente e mais uma vez (pois há vários relatos assim na literatura relativa ao tema), no *youtube*, uma pessoa que passou por uma EQM afirmou ter visto isto ocorrer. Para uma adoção deste processo como real e suas consequências, ver o artigo *Uma teoria da mente & cérebro que resolve a ‘principal dificuldade’ da consciência*, dos pesquisadores Mays & Mays, publicado em 2011.

9 Que forma teria a alma? Aqui, em um primeiro momento, Wiltse se vê como uma “água-viva” (aparentemente, ele “se vê” de um ponto de vista externo a si mesmo). Em seguida, ele ver-se-á na forma humana e nu. Qual o papel da ligação remanescente com o cérebro nestas representações e variação? Convém recordar que o sistema nervoso central, fora do restante do corpo, tem a forma de uma água-viva.

10 A partir deste ponto, inicia-se a fase possivelmente objetiva da experiência de Wiltse.

11 Itálico meu. Conferir com as declarações das testemunhas publicadas na sequência deste estudo.

12 O nível de consciência de Wiltse parece oscilar, tal como em uma onda, perde e ganha potência (ou talvez não seja uma questão de potência, mas de ligação com faixas distintas). Ele acabou de se ver em uma forma não-humana, mas seu temor de aparecer nu agora pressupõe a forma humana, que ele ainda não tem, mas que terá logo em seguida.

13 Como apontei alhures, não creio que a alma possua a forma humana. Não obstante, o “duplo” é um tema por demais interessante. Usualmente, a história aponta sua presença na Grécia antiga, a *psyché* de Homero. A cultura grega antiga é marcadamente dualista: nela, os homens têm uma *alma* na religião tradicional, na reforma orfista, no pitagorismo, no platonismo e no neoplatonismo. Já a cultura judaica *seria* materialista, e seu nacionalismo teria esta característica. Todavia, conduzido por Crawford Toy, um erudito americano do séc. XIX, persuadi-me de que apenas sob a influência (por vezes autoritária) de parte da elite esta perspectiva predominou. Como mostra o episódio da médium de Endor, a parábola do rico e Lázaro etc., apesar de ordenações duras, remanesce entre o povo um dualismo de fundo que acreditava que as sombras dos mortos estavam conscientes no *sheol* e que podiam se manifestar em dadas condições - a sombra de Samuel que aparece para Saul tem consciência de si mesmo e conhece o futuro da nação. Parece-me hoje que Jesus de Nazaré e seus primeiros seguidores tendiam ao materialismo (apesar do dualismo impregnado nos evangelhos), cuja sobrevivência à morte se daria pela ressurreição - uma eventual subida aos céus ocorreria com o corpo físico. É possível inferir isto da passagem de Marcos (16:1-8) que narra a ressurreição: “depois de o sábado passar, Maria Madalena, Maria (a mãe de Tiago) e Salomé compraram perfumes para derramar no corpo de Jesus. Domingo, cedinho, antes mesmo de nascer o sol, foram até o túmulo e, enquanto caminhavam, diziam: ‘quem vai mover para nós a pedra que protege o túmulo?’ Falavam assim porque a pedra era muito grande. Ao olharem à frente, contudo, notaram que a pedra já havia sido movida. Ao adentrarem o túmulo, ficaram bastante surpresas, pois havia um rapaz vestido de roupas brancas sentado do lado direito que lhes disse: ‘não se assustem. Vocês procuram Jesus, o nazareno que foi crucificado, não é? Mas *ele não está mais aqui; ele ressuscitou. Vejam o lugar onde ele havia sido colocado*. Agora vão e falem disso aos discípulos e a Pedro: ele irá para a Galileia antes de vocês. Lá o encontrarão, tal como ele mesmo lhes disse’. Elas saíram do túmulo rapidamente, pois estavam assustadas e fora de si; e, por causa do medo, nada disseram a ninguém”. Em Lucas (24:1-11), o episódio é assim narrado: “no primeiro dia da semana, cedinho, as mulheres foram até o túmulo e levaram os perfumes que tinham

a maioria das pessoas muito doentes ficam<sup>17</sup>. Felicitei-me pela decência com que compus o corpo e pensei que meus amigos tiveram pouca dificuldade com isto.

*Vi várias pessoas sentadas e em pé ao redor do corpo e, particularmente, notei duas mulheres aparentemente ajoelhadas ao meu lado esquerdo e sabia que estavam chorando.*

*Então, percebi que eram minha esposa e minha irmã<sup>18</sup>, mas não tinha concepção de individualidade. Esposa, irmã ou amiga eram a mesma coisa para mim. Não me lembrava de nenhum tipo de relacionamento, ao menos não pensei em nenhum. Eu consegui distinguir o sexo, mas nada mais<sup>19</sup>.*

Eu agora tentei chamar a atenção das pessoas com o objetivo de confortá-las, bem como lhes assegurar de sua própria imortalidade. Curvei-me brincando e as saudei com minha mão direita. Também passei por entre elas, mas dei-me conta de que não me perceberam. Então, a situação me pareceu cômica e ri abertamente.

Elas certamente devem ter ouvido isso, pensei, mas parecia o contrário, pois ninguém tirou os olhos do meu corpo. Não me ocorreu falar e concluí o assunto dizendo a mim mesmo: “elas só veem com os olhos do corpo. Não conseguem ver espíritos. Estão observando o que pensam ser eu, mas estão enganadas. Aquilo não sou eu. Isto sou eu e estou tão vivo quanto antes”.

Virei-me e saí pela porta aberta, inclinando minha cabeça e observando onde colocava os pés ao pisar na varanda.

Atravessei a varanda, desci as escadas, desci pela trilha e fui para a rua. Lá, parei e olhei ao meu redor. Nunca vi aquela rua mais nitidamente do que naquela ocasião. Reparei na vermelhidão do solo e nas limpezas que a chuva fez. Considerei minha situação muito patética, tal o tempo decorrido desde a última vez em que saíra de casa. Então, percebi que havia me tornado maior do que na vida terrena e me parabenizei. Eu era um pouco menor no corpo do que gostaria; porém, pensei, na próxima vida serei tal como desejo<sup>20</sup>.

Percebi que minhas roupas haviam se acomodado à minha estatura aumentada e comecei

---

preparado. Viram que a pedra havia sido movida da entrada do túmulo para outro lugar e entraram; porém, *não encontraram o corpo de Jesus*. Enquanto estavam perplexas por causa disto, apareceram dois homens vestidos com roupas resplandescentes que se colocaram ao seu lado. Elas ficaram com bastante medo e ajoelharam, pondo seus rostos no chão. Então, os dois homens disseram: ‘por que vocês procuram entre os mortos alguém vivo? *Ele não está mais aqui. Ele ressuscitou!* Não se recordam do que ele disse quando ainda estava na Galileia: o Filho do Homem há de ser entregue aos pecadores, crucificado e ressuscitará no terceiro dia?’ Então, elas se lembraram das palavras de Jesus. Em seguida, retornaram do túmulo e disseram tais coisas aos onze e aos demais. Elas eram Maria Madalena, Joana e Maria (a mãe de Tiago). Estas e outras mulheres que estavam com elas contaram essas coisas aos apóstolos. Mas eles julgaram que o que falavam era tolice e não acreditaram”. Em ambas as narrativas clássicas, nota-se que *o corpo de Jesus* não estava mais presente no túmulo, ou seja, não se trata de uma narrativa dualista, mas sim monista. Jesus teve *seu corpo* ressuscitado (e subiu com este aos céus), ou como diziam os judeus do período, ressuscitou em carne e sangue. Nas cartas de Paulo de Tarso tal perspectiva muda parcial, mas significativamente.

14 Wiltse parece ter rapidamente se “esquecido” da reflexão que acabara de fazer, que a dama não poderia vê-lo porque ele era um espírito. Novamente sentiu vergonha de estar nu, quando o tema já estava resolvido.

15 Essa segunda “solução” para o problema da nudez sugere variação no nível da consciência. O problema já havia sido resolvido de modo conceitual. O tema reaparece e é resolvido de modo bem concreto, com o surgimento instantâneo e mágico de roupas. A textura da experiência de Wiltse parece ser onírica, e a consciência parcial que exhibe sugere um sonho lúcido, no qual a vontade do sonhador oferece o enredo e resolve as situações. Todavia, o tema é apenas em parte explicado deste modo. Esta fase da experiência, em que Wiltse vê o seu velório, parece ser também objetiva e receberá posterior corroboração.

16 Itálico meu. Conferir com as declarações das testemunhas publicadas na sequência deste estudo.

17 Itálico meu. Conferir com as declarações das testemunhas publicadas na sequência deste estudo.

18 Itálicos meus. Conferir com as declarações das testemunhas publicadas na sequência deste estudo. Tais são os pontos em virtude dos quais EQMs são consideradas por muitos pesquisadores, dentre os quais me incluo, experiências que possuem aspectos objetivos. Frequentemente elas apresentam um núcleo que pode ser submetido ao materialismo metodológico, ou seja, sugere que a experiência tem contato com a realidade. Wiltse se apanha no próprio velório, vê o que ocorre, a posição das pessoas presentes e, embora sua potência mental varie, consegue oferecer uma descrição adequada dos acontecimentos. Muitas EQMs possuem a mesma característica e oferecem uma narrativa corroborada pelos circunstâncias, sugerindo também a pertinência de um dualismo.

19 Mais uma evidência de que Wiltse não desfrutava de um poder mental idêntico àquele do estado de vigília. Sua consciência é impermanente e ondulada. Ele conseguiu produzir uma descrição das mulheres: esposa e irmã; porém, em seguida, afirma que tais detalhes lhe escaparam.

a me perguntar de onde vinham e como me alcançaram tão rapidamente e sem o meu conhecimento. Examinei o tecido e julguei que fosse algum material escocês, um bom terno, pensei, mas que não era bonito; ainda assim, era limpo e bom o bastante. Pensei: o casaco também cai bem, e é bom para o verão. Como me sinto bem. Poucos minutos atrás, eu estava terrivelmente doente e angustiado. Então, sobreveio aquela mudança chamada morte, que eu tanto temia. Já passou e aqui estou eu ainda um homem, vivo e pensando, sim, pensando com a clareza de sempre<sup>21</sup>, e como me sinto bem; nunca mais ficarei doente. Não tenho mais que morrer e, em pura exuberância de espírito, fiz um passo de dança e voltei a olhar para minha forma e roupas.

De repente, percebi que estava olhando para a costura reta da parte de trás do meu casaco. Como assim, pensei, como vejo minhas costas? E, para me tranquilizar, olhei de novo para a parte de trás do casaco, para a parte de trás das minhas pernas até os calcanhares. Eu coloquei a mão em meu rosto e senti meus olhos. Eles estão onde deviam estar, pensei. Sou como uma coruja que consegue virar a cabeça no meio do caminho? Tentei o experimento e falhei.

Não! Então deve ser que, uma vez que estou fora do corpo apenas por alguns momentos, ainda utilizo os olhos do corpo; virei-me e olhei para trás, para a porta aberta, e pude ver a cabeça do meu corpo em linha comigo<sup>22</sup>. Então, percebi um pequeno cordão, tal como uma teia de aranha, correndo dos meus ombros de volta ao meu corpo e se prendendo a ele na base frontal do pescoço<sup>23</sup>.

Fiquei satisfeito com a conclusão de que, por meio daquele cordão, eu estava usando os olhos do meu corpo; e, virando, descii pela rua.

Eu caminhara apenas alguns passos quando, novamente, perdi a consciência<sup>24</sup>; quando

---

20 Outra vez a vontade de Wiltse conduz os acontecimentos, seguindo seu desejo íntimo. Ele sempre se considerou baixo, agora pode ser alto como sempre quis.

21 Wiltse superestima sua clareza de pensamento. Não se dá conta inteiramente de que há passagens oníricas, ou mágicas, acontecendo. O sonho tem uma característica marcante: ocorre durante uma redução do nível crítico de quem o experiencia. Assim, o sonhador se apavora com *o surgimento súbito* de um tiranossauro, não lhe parece absurdo que a fera se transforme em uma abóbora e, de repente, sua mãe surja lhe dando um conselho. O sonhador nada estranha. As emoções se reviram. Em vigília, uma narrativa assim seria imediatamente impugnada. No sonho lúcido, a mente funciona de modo semiconsciente, o que Wiltse parece revelar em alguns momentos.

22 Preciso. Ainda que oscilando, o poder mental de Wiltse é forte o bastante para raciocínios certos. Ele se dá conta de que sua experiência é “híbrida”: ele não é uma “alma livre” e, de algum modo, seu corpo e cérebro ainda interferem nos acontecimentos.

23 Certa tradição ocultista chama o cordão descrito por Wiltse de “cordão de prata”; uma interpretação corrente liga este cordão ao livro *Eclesiastes*, 12:6, e aquele seria a ligação do corpo com a alma; logo, sua ruptura implicaria a separação de ambos e a morte do corpo físico (há outras interpretações para o cordão de prata citado nesse livro). O tema será questionado abaixo por Richard Hodgson, que perguntará diretamente se Wiltse conhecia a doutrina que retrata deste modo a vinculação entre o corpo e a alma.

24 Aqui se encerra a parte possivelmente objetiva da experiência de Wiltse. Sua continuidade é significativa, mas perceptivelmente onírica, um sonho lúcido. A tradição relativa a EFCs é antiga no Oriente. Por exemplo, na 2ª Carta aos Coríntios, Paulo de Tarso revela ter tido um ‘arrebato’. O cristianismo tradicional chama esta experiência de arrebato, o espiritismo de Allan Kardec de ‘desdobramento’ e, agora, ela é conhecida como EFC. Em sua origem, o cristianismo envolve ao menos duas linhas místicas judaicas, a primeira usualmente chamada de *apocalíptica*, cuja revelação é a do iminente fim do mundo, ligada a Jesus de Nazaré (João Batista, essênios e parte dos fariseus). A segunda é aquela que na idade média será chamada *merkavah*, ou misticismo da carruagem, cujas ideias iniciais remontam a VI a.C., livro de Ezequiel (1:1 “abriram-se os céus e tive visões de Deus”), que envolve o arrebato em corpo e/ou alma de uma pessoa até um dos “sete” céus, palácios que alguns mortos e outras entidades habitariam. Paulo afirma ter visitado o terceiro céu; falando de si mesmo (como geralmente é aceito), escreveu na 2ª Carta aos Coríntios (12:1-4): “faz-se necessário que eu me vanglorie. Embora nada ganhe com isto, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que catorze anos atrás foi arrebatado ao terceiro céu. Se foi no corpo ou fora dele, não sei; Deus sabe. E sei que tal homem (se no corpo ou fora dele, não sei; Deus sabe) foi levado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, coisas que o homem não pôde dizer”. Quanto ao veículo utilizado para tal experiência (do mesmo modo que Wiltse se vê como possuidor de uma forma humana), os nomes *corpo astral*, *corpo etéreo* etc. têm um significado remoto também em Paulo de Tarso. Este fala em corpo “pneumático”. Mas *pneuma*, em grego, significa “ar” (vento, sopro etc.), um dos quatro elementos dos físicos gregos antigos. Na 1ª Carta aos Coríntios (15:40-44), Paulo associa tal “ar” aos corpos celestes, ou *astros* (na esteira, dentre outros, de Aristóteles, que acreditava que o mundo supralunar seria composto de matéria incorruptível, o *éter*, enquanto o mundo sublunar, sujeito à geração e corrupção das coisas físicas, compor-se-ia dos quatro elementos: água, terra, fogo e ar), e afirma que com este ar diferente poderemos ir até o “céu”. O *soma pneumatikon*, o corpo *aéreo* ou *espiritual* (em sua forma latina), teria esta propriedade, pois seria sutil e incorruptível: “há corpos espirituais e corpos terrestres; mas uma é a glória dos corpos celestiais e outra a dos terrestres. Uma é a glória do sol, outra

acordei de novo, apanhei-me no ar, onde era sustentado por um par de mãos, que eu sentia que pressionavam levemente minhas laterais. O dono das mãos, se houvesse um, estava atrás de mim e me empurrava no ar em uma velocidade rápida, mas agradável. Quando percebi bem a situação, fui lançado para longe e flutuei facilmente alguns metros abaixo, pousando suavemente no início de uma estrada estreita, mas bem construída, inclinada para cima em um ângulo de menos de 45°.

Eu olhei para cima e pude ver o céu e as nuvens acima de mim na altura normal. Olhei para baixo e vi o topo das árvores verdes e pensei: a distância até o topo das árvores é a mesma até as nuvens.

Enquanto subia a estrada, eu parecia seguir para o norte. Olhei para o lado direito da estrada e sob ela pude ver a floresta, mas não vi nada sustentando a estrada; contudo, não senti medo de que caísse. Examinei o material com que foi construída. Era de quartzo leitoso e areia fina. Peguei um dos cascalhos e examinei-o particularmente. Tinha caído uma chuva recente sobre ele e seu frescor era refrescante para mim. Percebi que, embora o declive fosse íngreme, não sentia cansaço ao andar, mas meus pés pareciam leves e meus passos flutuantes como os passos da infância e, enquanto caminhava, recordei meu estado doente recente e me alegrei com minha saúde e força perfeitas. Então, uma sensação de grande solidão tomou conta de mim e desejei muito companhia; então raciocinei assim: alguém morre a cada minuto. Se eu esperar vinte minutos, são grandes as chances de alguém morrer nas montanhas e, assim, terei companhia. Enquanto esperava, examinei a paisagem ao meu redor. A leste havia uma longa cordilheira, e a floresta embaixo de mim se estendia até as montanhas, subindo por seus lados e alcançando o cume da montanha. Abaixo de mim havia um vale coberto pela floresta, através do qual corria um lindo rio cheio de cardumes, que fazia a água ondular em borrifos brancos. Achei o rio muito parecido com o Rio Esmeralda, e as montanhas, pensei, são muito parecidas com a Cordilheira Waldron. À esquerda da estrada havia um penhasco alto de pedra negra que me lembrava a Montanha Lookout, no lugar em que a ferrovia passa entre ela e o Rio Tenessi. Assim, a memória, o julgamento e a imaginação, as três grandes faculdades da mente, estavam intactas e ativas.

Esperei por companhia no que julguei serem vinte minutos; mas ninguém veio. Então, raciocinei assim: é provável que, quando um homem morre, tenha seu próprio caminho a percorrer e deva fazê-lo sozinho. Como não há dois homens exatamente iguais, então, muito provavelmente, não há dois que viajem pela mesma estrada para o outro mundo. Refleti que, como a existência eterna estava agora assegurada, eu não precisava me apressar; então, caminhei muito vagorosamente, agora parando e olhando para a paisagem, ou olhando para a estrada se, por acaso, alguém aparecesse. Assim, ocasionalmente, virava e andava para trás, observando a estrada atrás de mim em busca da companhia que tanto desejava. Pensei que decerto alguém do outro mundo viria me encontrar, embora, estranhamente, não pensei em uma pessoa que eu desejasse ver mais do que outras. Anjos ou demônios, um, eu disse, virá ao meu encontro, e me pergunto qual será? Refleti que não tinha acreditado em todos os postulados da Igreja, mas havia escrito e ensinado verbalmente uma, creio, fé nova e melhor. Mas raciocinei que eu não sabia de nada, e onde há espaço para dúvidas há espaço para erros. Portanto, posso estar a caminho de uma terrível condenação. Um

a da lua e outra a das estrelas; pois cada estrela difere em glória. Assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita-se na permanência. Semeia-se em desonra, ressuscita-se em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita-se em poder. Semeia-se corpo físico, ressuscita-se corpo espiritual. Se há corpo físico, há também corpo espiritual”. Na 1ª Carta aos Tessalonicenses (4:16-18), Paulo escreveu: “o próprio Senhor descera do céu com alarido, com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados junto com eles às nuvens, para encontrar o Senhor nos ares e, assim, estaremos sempre com Ele. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras”. A ideia de um *pneuma* diferenciado, superior aos quatro elementos, fora anteriormente afirmada por Aristóteles: “*o que é próprio a todos os tipos de alma aparenta ter conexão com uma matéria diferente e mais divina do que os [quatro] elementos. ... [Há no] sêmen o que o faz ser generativo: digo, o que se chama de calor vital. Ele não é fogo nem qualquer coisa semelhante, mas é o pneuma interno ao sêmen, semelhante à espuma, análogo ao elemento das estrelas*. Portanto, enquanto o fogo não gera nenhum animal e não encontramos nenhuma coisa viva formada em sólidos ou líquidos sob o poder do fogo, *o calor do sol e dos animais os gera* (Aristóteles, *Sobre a geração dos animais*, livro II, 3. Itálicos meus). Assim, percebe-se que a posição de Paulo de Tarso tem lastro na filosofia grega. Como observa o historiador Bart Ehrman, em breve tempo, a salvação cristã horizontal, cronológica (do tempo do pecado, de Satanás e dos romanos para o tempo da vinda do reino de Deus), tornar-se-á vertical, espacial (a passagem da terra para o céu do salvo).

grande medo e uma grande dúvida se apoderaram de mim; estava começando a ficar muito infeliz quando um rosto repleto de amor e ternura inefáveis apareceu-me por um instante e me pôs em ordem naquele ponto.

De repente, vi a alguma distância à minha frente três rochas prodigiosas bloqueando a estrada, às quais vi e parei, perguntando-me por que uma estrada tão bela estaria bloqueada, e enquanto eu considerava o que fazer, uma nuvem grande e escura, que estimei em um acre cúbico de tamanho<sup>25</sup>, pairou acima da minha cabeça. Rapidamente ela se preencheu com raios de fogo vívidos e móveis, que seguiam de lá para cá em seu interior. Eles não se extinguíam em contato com a nuvem, pois eu conseguia vê-los na nuvem tal como vemos peixes em águas profundas.

A nuvem se tornou côncava na superfície inferior tal como uma grande tenda e começou a girar lentamente sobre seu eixo perpendicular. Quando girou três vezes, percebi uma presença que eu não podia ver, mas que sabia que adentrava a nuvem pelo lado sul. A meu ver, esta presença não parecia ter uma forma, pois preenchia a nuvem como uma vasta inteligência. Ela não é como eu, raciocinei: eu preencho um pequeno espaço com minha forma e, quando me movo, deixo um espaço vazio; mas ela pode sentir a imensidão à vontade, mesmo enquanto preenche esta nuvem. Então, do lado direito e do esquerdo da nuvem, línguas de vapor negro saíram e pousaram levemente de cada lado da minha cabeça e, quando me tocaram, pensamentos que não eram meus adentraram meu cérebro.

Esses pensamentos, eu disse, são dela e não meus; poderiam estar em grego ou hebraico devido ao poder que tenho sobre eles. Mas muito gentilmente os recebo em minha língua materna para que eu possa compreender toda a sua vontade.

Porém, embora o idioma fosse o inglês, estava tão eminentemente acima do meu poder de reprodução que minha interpretação dele está tão aquém do original quanto qualquer tradução de uma língua morta é mais fraca do que o original, por exemplo, na expressão. Era a estrada para o mundo eterno e não continha mais do que quatro palavras, nem qualquer frase em toda a arenga; e cada frase, se tivesse sido escrita, deveria terminar com um ponto, tão completo era o sentido. O que segue é o mais próximo que posso apresentar, sem um esforço mais cuidadoso do que tenho tempo por ora, pois este artigo deve estar pronto em uma data determinada.

“Esta é a estrada para o mundo eterno. Aquelas rochas são a fronteira entre os dois mundos e as duas vidas. Uma vez que as ultrapasse, não poderá mais retornar ao corpo. Se seu trabalho consistia em escrever as coisas que lhe foram ensinadas, aguardando uma mera chance de publicá-las, se seu trabalho consistia em falar com as pessoas na privacidade da amizade - se isto era tudo, você pode seguir para além das rochas. No entanto, se, após refletir, você concluir que deve publicar e também escrever o que lhe foi ensinado, tanto para reunir a multidão quanto para ensiná-la, e que isto não foi feito, você pode retornar ao corpo”.

Os pensamentos cessaram e as nuvens desapareceram, movendo-se lentamente em direção à montanha no leste. Eu me virei e observei isto por algum tempo quando, de repente, e sem ter me sentido mexendo, parei perto e na frente das três pedras. Então, fui tomado por uma grande curiosidade de olhar para dentro do outro mundo.

Havia quatro entradas, uma muito escura à esquerda entre a parede de rocha negra e, à esquerda, uma das três rochas; uma arcada baixa, entre a esquerda e a rocha do meio; outra semelhante entre esta e a rocha direita; e um caminho muito estreito contornando a rocha à direita na beira da estrada.

Não examinei a abertura à esquerda (não sei a razão, a menos que fosse porque parecia escuro), mas me ajoelhei em cada uma das arcadas baixas e olhei através delas. A atmosfera era verde e tudo parecia fresco, tranquilo e bonito. Além das rochas a estrada, o vale e a cordilheira se curvavam suavemente para a esquerda, impedindo assim a visão a uma curta distância. Se eu estivesse por lá, pensei, logo veria anjos ou demônios, ou ambos e, enquanto pensava nisto, vi as formas de ambos como muitas vezes os havia imaginado em minha mente. Olhei para eles de perto e descobri que não eram realidades, mas meras formas sombrias dos meus pensamentos e que qualquer forma pode ser criada do mesmo modo. Que mundo maravilhoso, exclamei mentalmente,

---

25 Um acre corresponde a 4.046,86 m. Portanto, um acre cúbico deve ser pensado em uma figura com três dimensões.

onde o pensamento é tão intenso que toma forma visível. Como serei feliz em um reino de pensamento como este.

Busquei nas arcadas por algum som de voz ou de música, mas não consegui ouvir nada. As substâncias sólidas, pensei, são melhores meios para o som do que o ar; usarei as rochas como meio; levantei-me e coloquei meu ouvido esquerdo primeiramente em uma pedra e depois em outra, mas não obtive quase nada.

Então, de repente, fiquei tentado a cruzar a linha fronteira. Hesitei e raciocinei assim: já morri uma vez e, se voltar, cedo ou tarde vou morrer novamente. Se ficar, outra pessoa fará meu trabalho e, então, o objetivo será tão bem e seguramente realizado. Devo morrer novamente? Não vou voltar, mas agora que estou tão perto vou cruzar a linha e ficar; e, assim decidido, movi-me cautelosamente ao longo das rochas. Havia perigo de cair pela lateral da estrada, pois o caminho era estreito. Eu não pensei nas arcadas. Coloquei minhas costas contra a rocha e andei de lado.

Alcansei o centro exato da rocha, indicado por um botão esculpido na rocha que marcava o limite exato. Aqui, como César no Rubicão, parei e conversei com a consciência. Parecia que assumia uma boa dose de responsabilidade, mas decidi fazê-lo e avancei o pé esquerdo após a linha. Ao fazê-lo, uma pequena nuvem densamente negra surgiu na minha frente e avançou em direção ao meu rosto. Eu sabia que seria interrompido. Senti o poder de me mover ou pensar me deixando. Minhas mãos caíram impotentes ao meu lado, meus ombros e cabeça caíram para frente, a nuvem tocou meu rosto e eu não soube de mais nada.

Sem pensamento prévio e sem esforço aparente da minha parte, meus olhos se abriram. Olhei para minhas mãos e depois para a pequena cama branca na qual estava deitado e, percebendo que estava no corpo, com espanto e decepção exclamei: “o que afinal me aconteceu? Vou morrer de novo?”<sup>26</sup>

Eu estava extremamente fraco, mas forte o bastante para relatar a experiência acima, apesar de todas as injunções para calar. Logo depois, fui acometido por vômitos severos e incontroláveis. Mais ou menos neste momento, o Dr. J. H. Sewel (de Rockwood, Tenessi) fez uma visita amigável, sem saber que eu estava doente. Eu convulsionava terrivelmente e, na consulta, ele disse: “temo que nada menos do que um milagre possa salvá-lo”. Ele recomendou creosoto, que foi ministrado e pareceu fazer algum bem, embora, como paciente, não possa ver como, pois, se alguma vez algo teve gosto vil, isto tinha. Davam-me água fervendo para beber, enchendo meu estômago até eu não aguentar mais; eu a coloquei para fora várias vezes, o que fez o vômito cessar.

Eu tinha grande dificuldade para respirar, e precisei ser constantemente abanado no rosto por vários dias; esta situação cessou abruptamente, de modo que, por me dar fôlego, de repente parecia me encher de ar a ponto de sufocar, e pedi que parassem, pois não tinha mais problemas para respirar.

Recebi injeções de conhaque e leite; digitalina e amônia sustentaram o coração, apesar de sua tendência constante de falhar. Fui tratado com banhos de álcool, mantido acordado durante os piores ataques de insuficiência cardíaca e me impuseram silêncio absoluto; fui mantido em flanelas quentes, alimentado com comida pouco nutritiva em intervalos curtos e vinho a cada duas horas. Não conseguia levantar a cabeça ou a mão sem ajuda, pois o mínimo esforço ou excitação baixava o pulso e a temperatura.

Após muitos dias, parece-me, a temperatura começou a subir e logo ficou acima do normal, mas apenas um pouco; oscilou para frente e para trás por dias e estabilizou meio grau abaixo de onde permanecera durante a maior parte da convalescença, quando enfim voltou ao normal; o

---

<sup>26</sup> Portanto, a escolha se mostrou apenas aparente. Wiltse escolheu morrer, ficar no outro mundo, mas imediatamente voltou para este mundo. Há vários casos de EQMs assim: a pergunta é feita, a pessoa deseja morrer e, logo em seguida, lembra aqui. Trata-se de um falso dilema, de uma falsa escolha que frequentemente finaliza a experiência. Por quê? Quem elabora esta questão e o que pretende? Não ignoro que usar a categoria ‘inconsciente’ encerra problemas; porém, a melhor conjectura de que disponho é que se trata de um ‘diálogo’ entre o ‘homem profundo’ e sua *persona*, sua parte que está no *front* da vida. Entre ambas as instâncias, talvez inexista uma comunicação direta, em linguagem natural, ou talvez alguma comunicação seja muito difícil. Para que o ‘inconsciente’ possa saber o moral da tropa, deve elaborar toda uma *mise-en-scène*, deve fundamentalmente ludibriar a *persona* para evitar seu jogo de ocultação, que a caracteriza quando é chamada a expressar verdades difíceis. Para que isto ocorra, somente a redução não integral do nível crítico e a sedução de um mundo melhor podem produzir a tão desejada resposta sincera.

pulso subiu para mais de cinquenta para valer (como os meninos dizem ao jogarem bolinhas de gude), depois foi para setenta e seis e me recuperei rápido e bem. Afinal, viajei algumas centenas de quilômetros durante a recuperação e, ao terminar esta comunicação, meu pulso permanece em 84 e forte, apenas oito semanas após “o dia em que morri”, como alguns vizinhos meus se referem àquele dia.

## PROCEDIMENTOS DA SOCIEDADE DE PESQUISAS PSÍQUICAS

Frederic Myers

Possivelmente aprenderíamos muito se questionássemos os moribundos, quando despertam de algum estado comatoso, quanto à sua memória de algum sonho ou visão durante este estado. Se de fato houve tal experiência, ela deve ser registrada imediatamente, pois provavelmente desaparecerá rapidamente da memória supraliminar do paciente, mesmo que este não morra em seguida. Um caso curioso foi publicado em *Fantasmas dos vivos* (v. 2, p. 305)<sup>27</sup>, no qual um moribundo retorna, por assim dizer, dos portões da morte para anunciar expressamente que teve uma visão, ou “fez uma visita” ... no entanto, esta “visita” não pode ser verificada. Um exemplo um tanto semelhante, mas com a recuperação final do paciente, o Dr. Wiltse, foi publicado no *Jornal de medicina e cirurgia de Saint Louis*, em 11/1889, e na *Revista do médio-continente*, em 02/1890. O Dr. Wiltse obteve para nós depoimentos juramentados de testemunhas importantes. A experiência é longa e, na maior parte, de tipo completamente onírico; porém, de qualquer forma, é extremamente incomum e não pode ser razoavelmente entendida apenas a partir de extratos isolados...<sup>28</sup>

[...]

“[Dr. Wiltse:] no que diz respeito à minha condição física, *há muitas testemunhas da veracidade do acima declarado; também há do fato de que as condições do meu corpo e da sala*

27 Em *Fantasma dos vivos*, II, pp. 305-306, 1886, de Edmund Gurney *et al*, há o seguinte caso: “o Dr. Ormsby escreve o seguinte de Murphysborough, Illinois, em 22/04/1884: ‘recebi meu diploma da Faculdade Médica de Rush, Chicago, ao final da sessão de 1857-1858 e, tendo dito isto, continuarei a dar-lhe uma declaração tão clara e completa da ocorrência a que você alude quanto eu puder. No início de 02/1862, o 18º Regimento da Infantaria Voluntária de Illinois, no qual eu era cirurgião-assistente, recebeu ordens do Cairo para se juntar ao ataque ao Fort Henry. O cirurgião partiu com o regimento e me deixou com os doentes no Hospital do Regimento (cerca de trinta), dentre os quais estava Albert Adams, sargento-mor do regimento. Era um jovem inteligente e estimado que recentemente frequentara e, creio, formara-se em uma Faculdade de Letras. Eu havia removido o jovem Adams do hospital para um quarto bem grande de uma casa particular, mas um quarto menor havia sido improvisado em uma de suas extremidades com uma divisória de tábuas, que foi, creio, vedada e coberta com papel; neste quarto menor (deste modo dividido) minha esposa ficou - agora, além de mim mesmo, trata-se da única pessoa que ouviu a fala que cito. Vendo que o jovem morreria, eu havia telegrafado para o seu pai, que chegou às 16 ou 17h. Durante toda a tarde, o paciente só sussurrou e, às 23h, aparentemente morreu. Eu estava de pé com seu pai ao lado da cama e, quando o tomamos por morto, o velho estendeu a mão e fechou a boca do cadáver; eu, pensando que ele poderia desmaiar devido à profunda tristeza, disse-lhe: ‘não faça isto! Talvez ele volte a respirar’; imediatamente o conduzi a uma cadeira na parte de trás do quarto e voltei com a intenção de fechar a mandíbula caída e os olhos. Ao chegar à beirada da cama, o suposto morto olhou de repente para meu rosto e disse: ‘doutor, que dia do mês é hoje?’ Eu lhe disse o dia do mês e ele respondeu: ‘este é o dia em que morri’. Seu pai saltou para a beirada da cama e, voltando seus olhos para ele, o paciente disse: ‘pai, nossos garotos tomaram o Fort Henry e Charlie (seu irmão) não está ferido. Eu vi mamãe e as crianças, e elas estão bem’. Então, ele deu várias instruções abrangentes para o seu funeral, falando do cadáver como ‘meu corpo’ e ocupando, creio eu, até cinco minutos. Então, ele se virou para mim e disse novamente: ‘doutor, que dia do mês é hoje?’ e instantaneamente morreu. Seus tons eram bastante intensos e distintos, tão altos que foram prontamente ouvidos na sala ao lado pela Sra. Ormsby. Tudo isto é muito notável, assim como o fato (verdadeiro) de eu ter esquecido o dia do mês em que ocorreu. *O. B. Ormsby, M.D.*’. Em resposta a algumas perguntas referentes ao breve relato fornecido inicialmente, o Dr. Ormsby escreve em 28/12/1883: ‘o forte foi tomado e o irmão saiu ileso, como soube alguns dias depois quando fui ao regimento. Nunca soube se o que foi dito da família estava correto ou não. O nome do soldado era Albert Adams, um jovem de caráter, moral irrepreensível e boa educação. Na ocasião, era sargento-mor de seu regimento. Creio que seu pai morreu há vários anos. Não me lembro agora de que outras partes estavam presentes no quarto além de mim e do pai do jovem, embora houvessem várias, mas como éramos quase estranhos uns aos outros e logo nos separamos, não tive esperança de localizá-las. O jovem ocupava um quarto, não no próprio hospital (que estava lotado), mas em uma residência particular, onde pôde ficar com o quarto inteiro. O quarto ao lado, comunicando-se com este por uma porta, eu ocupei como quarto de dormir e, minha esposa, que então me visitava, utilizava este quarto com a porta fechada. Acabei de perguntar se ela ouviu as palavras do soldado moribundo e ela respondeu que sim, informando-me que a divisória entre os quartos fora feita de tábuas e papel, e que o jovem Adams, em vez de dizer ‘nossas forças’ etc., disse ‘nossos garotos’. Eu nada soube de alguém ter visto algum espectro ou aparência. *O. B. Ormsby, M.D.*’.

28 Nesse ponto do texto, o artigo de Wiltse é reproduzido.

*realmente estavam na ocasião como descrevi. Portanto, devo ter visto tais coisas de algum modo*<sup>29</sup>.

Em uma carta ao Dr. Hodgson, o Dr. Wiltse acrescenta:

“Informo que adiei a resposta até esta data para entrevistar várias pessoas que me acompanharam do Tenessi até este Estado e que foram testemunhas oculares da minha condição física no momento da minha estranha experiência. Interoguei seis destas pessoas sobre os pontos em questão e obtive, de acordo com seus testemunhos, os fatos declarados nas respostas às suas perguntas. As partes mencionadas abaixo estiveram presentes durante os fenômenos mencionados em sua carta. Se desejar, você pode entrevistá-las. ... Dificilmente posso me afiliar ao espiritismo moderno, embora não deixe de fazer todas as investigações que posso, mas geralmente encontro uma explicação aquém das alegações feitas”.

### Questionário

Você percebeu dois cavalheiros de pé, na porta.

1. Pergunta: eles realmente estavam de pé, na porta?

Resposta: sim.

2. Pergunta: seu rosto estava tão pálido quanto você percebeu?

Resposta: estava muito mais pálido em comparação a alguns dias antes, mas uma testemunha afirma que, em comparação com pouco tempo antes de eu ficar inconsciente, o rosto parecia de um tom roxo escuro.

3. Pergunta: você não reconheceu nenhuma pessoa entre aquelas que percebeu na sala?

Resposta: eu não pensava em nomes nem em ideias de relacionamento. Tinha um forte senso de bom companheirismo, se posso chamá-lo assim, mas meu interesse em cada uma parecia semelhante. Devo ter esquecido todas as personalidades.

4. Pergunta: as lavagens que você percebeu que a chuva fez realmente aconteceram?

Resposta: ocorreram em grau acentuado, tendo havido chuvas fortes por muitos dias consecutivos.

5. Pergunta: o tecido com o qual você parecia estar vestido se assemelhava a algum que já tivesse usado?

Resposta: não, e lembro-me nitidamente de pensar que não tinha tal roupa em casa, embora, então, não tivesse me ocorrido que jamais havia possuído tal terno. No entanto, creio que meu irmão, que me visitava, usava algo como um terno; mas não tenho certeza, pois não tenho como saber se fiz alguma relação com algum terno na sala similar àquele enquanto narrava minha experiência após acordar. Se visse um terno como aquele, eu o reconheceria imediatamente.

6. Pergunta: você já conhecia a noção de que um fio delicado, em casos de transe, liga o organismo etéreo ao corpo ordinário?

Resposta: sim, e isto lhe parecerá um caso de expectativa. No entanto, considero justo afirmar para sua Sociedade que eu estava tão longe de crer nesta teoria que, em um volume de ficção no qual estou envolvido, apresentei uma teoria totalmente diferente através de um dos personagens criado para ensinar enfaticamente meus próprios pontos de vista. Quando percebi o fio, minha mente não voltou a nenhuma lembrança ou ideia anterior sobre o assunto, como suponho que deveria naturalmente acontecer.

O Dr. Wiltse acrescenta em 30/06/1890:

---

<sup>29</sup> Itálicos meus. Como homem treinado em uma ciência, o médico Wiltse vai diretamente ao ponto de maior interesse, a possibilidade de corroboração por outras pessoas daquilo que ele ‘viu com os olhos fechados’, o método cognitivo que os gregos associavam à *mystiké*.

“Atendendo seu pedido feito na carta de 18/06 por declarações comprobatórias, obtive três declarações juramentadas, que envio com esta”.

Declaração da Sra. Haidée I. Wiltse,  
Skiddy, Kansas, 27/06/1890.

Sr. Richard Hodgson.

Sr.: estive ao lado da cama do meu marido durante o período de sua doença no verão passado; seu médico e amigos supunham que ele estivesse morrendo, alguns até acreditavam que já estava morto.

Suponho que seu estado de inconsciência durou cerca de meia-hora, durante a qual não pude perceber nele nenhum sinal de vida. Ainda assim, realmente não acreditava que estivesse morto, nem abandonei a esperança em sua recuperação, pelas razões expostas mais adiante nesta carta. Isto não obstante o fato de que o médico presente me disse que certamente ele estava morrendo.

Após permanecer com a aparência de morto (de onde eu estava) por algum tempo, ele, de repente, abriu os olhos e disse: “devo morrer de novo?”

Disse-lhe que ele ainda não havia morrido. Mas ele respondeu que tinha morrido, e começou a contar o que havia visto até seu médico fazê-lo parar de falar. Ele insistiu um pouco, mas, finalmente, cedeu e disse que nos contaria depois por que havia voltado, falando que tinha visto algo maravilhoso e que nunca mais duvidaria da imortalidade.

Quanto aos outros assuntos, eu não me lembro.

A razão pela qual eu não acreditava que ele morreria era esta: na minha vida, eu sonhei várias vezes com um cavalo branco e um preto atrelados a uma carruagem que corriam pelo ar acima de um campo aberto e desapareciam em uma floresta no lado oposto. Algum amigo meu, sentado na carruagem e que eu conseguia reconhecer, invariavelmente morria alguns dias depois. Alguns dias antes de o médico desfalecer, eu o vi naquela carruagem. Mas o sonho variou em um ponto: eu corri e peguei o cavalo branco pelos freios, pouco antes da parolha entrar na floresta e, assim, parei os cavalos. Tão estranhamente eu passei a crer neste sonho que continuei acreditando nele até o fim<sup>30</sup>. Contei o sonho ao médico na manhã seguinte após sonhá-lo,

---

30 Postulo que, com frequência, um evento paranormal (no caso, a experiência do médico Wiltse) não ocorre sozinho. A *precognição simbólica* apresentada pela esposa do médico é similar a outras tantas da literatura parapsicológica. E a mensagem cumpre sua função, pois sua recebedora manifesta uma confiança existencial da qual as outras pessoas não desfrutam. Tais ocorrências parecem sugerir que o futuro seria naturalmente determinado (algumas precognições se realizam décadas depois de experimentadas). Embora a natureza seja a grande protagonista mecânica de si mesma, o espírito humano, normalmente voltado do presente para o passado (tal como os habitantes da caverna de Platão estavam presos e podiam apenas contemplar sombras), em algumas situações se mostra capaz de perscrutar o futuro. E trata-se de uma pesquisa *direcionada*. Suponho que a esposa do médico Wiltse desejava inconscientemente saber se seu marido sobreviveria: ela soube em “sonho”, tendo talvez voltado do futuro com a informação. Normalmente tal experiência só é possível em momentos de grande emoção, em que o experienciador está muito sensível. Uma poetisa e cientista contou sua história do seguinte modo: “ao término de meu curso de psicologia, aos 21 anos, e infrequente autora de versos simbólicos, acostumada a ter ao lado de meu leito sempre lápis e papel prontos, acordei, em meio à noite de 27/10/1947, em meu quarto em SP, em tal estado de poesia deslumbrada que a roupa sobre meu corpo parecia rio luminescente a escoar-se de mim. No escuro, sem acender a luz, estendi a mão para caderno e lápis, e automaticamente escrevi um poema de oito linhas...

*Encontrei a fábula*

Ontem, foi um touro sensível ao perfume  
que me olhou nas pétalas e me disse ‘olé’.  
Incapaz de colher-me, agudamente lírico,  
seguiu viagem para Santafé.  
Hoje, foi um pássaro mais leve do que os outros.  
Descobriu minha cauda além das nuvens  
e me disse, beijando as asas tontas,  
que a luz se veste atrás do sol!

... Em 12/01/48, na capital do Chile, conheci, no pensionato que abrigava os estudantes estrangeiros daquela Universidade, um jovem poeta, meu primeiro e não correspondido amor. ... Àquela altura, eu interpretava Santafé como o símbolo poético, místico ou metafísico, de um mundo superior, ideal cidade, algo como “A Cidade de Deus” de Santo Agostinho ou “A Cidade do Sol” de Campanella. Entretanto, Santafé era uma cidade objetiva, na Argentina, onde este poeta nascera,

e ele riu de mim. Muito respeitosamente,

Sra. Haidée Wiltse

Morris County, Estado do Kansas

A Sra. Haidée Wiltse, devidamente juramentada, depõe e diz que conhece bem todos os fatos mencionados acima, e que assinou o acima de livre e espontânea vontade.

Assinado e juramentado perante mim, um Tabelião Público em e para o Condado de Morris, Estado do Kansas, em 30/06/1890 d.C.

H. S. Miller,

Notário Público,

Com. Ex., 21/03/1892.

Declaração de A. J. Howard.

Skiddy, Kansas, 29/06/1890.

Sr. Richard Hodgson.

Sr.: durante sua doença no verão passado, fui escolhido pelo Dr. Wiltse como a pessoa que poderia virá-lo e levantá-lo mais facilmente, o que me manteve ao lado de sua cama por grande parte do tempo.

Um dia (esqueci a data), ele pareceu estar muito pior, tanto que a família e vizinhos pensaram que estava morrendo.

Levei o Dr. S. H. Raynes (o único médico assistente presente) até a varanda e pedi que me dissesse confidencialmente o que pensava do caso. Ele disse: “um caso perdido; ele está praticamente morto agora”. Estava consertando uma seringa hipodérmica; perguntei sobre isto e ele disse que se preparava para

---

publicara seus primeiros versos, estudava e vivia. Fernando era seu nome e, só meses mais tarde, entendi as insinuações do poema precognitivo: um touro que me disse ‘olé’ à espanhola, Fernando/Ferdinando, touro Ferdinando nas campinas da Espanha, Espanha-Argentina, a língua castelhana, a famosa estorieta de Munro Leaf sobre o touro que se embriaga com o perfume das flores, e contudo não as colhe. ... A solidão durou 23 anos. ... Forcei a segunda parte da profecia a acontecer, esporádica e inutilmente, até que a descrença se instalou em meu ânimo, a desconfiança de que o ‘ontem’ fora ‘mera coincidência’. Nunca publicado, o poema foi afinal esquecido, outros objetivos e realizações preenchendo-me a vida. Em época anterior à descrença, deparei com o fascinante livro da dra. Rhine, ‘Canais Ocultos do Espírito’ e o li com avidez para constatar que uma ciência, a parapsicologia, começava a dar atenção a intuições desabrochadas em gente como eu, que não tivera os lábios queimados pelos serafins, como Isaías. Quando, em 1970, de retorno à Universidade de minha juventude, me dispus a empreender estudos mais avançados, foi-me permitido explorar, sujeita à disciplina científica, essa área na fímbria do insólito. Recorri, então, à autoridade (e devo acrescentar, à sabedoria) do dr. Rhine, no Instituto de Parapsicologia, em Durham, nos EUA para receber orientação bibliográfica e metodológica. ... Por sugestão desse patriarca admirável, estagiei 40 dias em sua Fundação para a Pesquisa da Natureza do Homem, em 1971, a expensas minhas. Ao me receber pela primeira vez, em sua sala de trabalho, ele apontou para um quadro na parede à sua direita, uma foto ampliação de cumes de montanha cobertos de neve, varando nuvens - e me disse: ‘difícil é a subida; mas, ao chegar ao alto, a visão que se descortina é vastíssima. Este é o rumo da Parapsicologia’. E lá, na cidadezinha que me recebeu com o véu de noiva de uma tempestade de neve, junto ao campus da Universidade de Duke, sob árvores revestidas de gelo de onde saltavam esquilos inquietos para as calçadas, numa biblioteca aquecida para o estudo e os relatos experimentais de seus pesquisadores, deu-se o encontro, recente, com o ‘pássaro mais leve’. Ou reencontro. Nunca revelei os termos do poema a qualquer um naquela instituição, nem mesmo ao pesquisador com quem me casei, em tempo fulminante, tal a similitude de gostos, interesses e aspirações. Menino criado no campo, com um amor visceral pela natureza, ele reproduz com perfeição qualquer voz de pássaro e estes, enganados, lhe respondem, repetidamente, como se homem e ave se entendessem em idioma extraterreno. Um poema seu, ‘Minha Senhora das Nuvens’ e uma pintura sua, a mim dedicados, confirmam símbolos antevistos na Fábula. O quadro, em tinta acrílica, lembra uma composição de Chagall: um pássaro em azul e prata levanta voo de um prado, levando atrás de si uma segunda cauda, de multicoloridas flores semelhantes a cristais de neve irisados, contra um poente rubro, em direção a uma estrela, a Vênus Vespertina. Símbolo da alma é o pássaro. ... A frase final do poema foi dita por ele, numa tarde de 1971, contemplando o sol, de costas para o mar de S. Vicente, já no Brasil” (Lessa, Adelaide; *Precognição*. Edusp, 1975, pp. 9-12). Em 1991, aos vinte e oito anos de idade, em virtude de problemas mortais, eu fazia psicoterapia e, em extrema sensibilidade, tive uma experiência similar: sonhei que oferecia uma aliança a uma dama que passava por graves dificuldades e a quem eu auxiliara. A experiência sugeria que eu sobreviveria aos percalços. Em 2014, ofereci de fato uma aliança e, no dia do casamento, recordei-me subitamente da precognição, que claramente se realizava. Vinte e três anos após sua ocorrência.

ministrar no médico uma injeção de morfina, caso tivesse espasmos enquanto morria. Isto não foi feito, no entanto.

O Dr. Wiltse o chamou naquele momento e disse: “doutor, assim que eu morrer, tente esse experimento, e certifique-se de não adiar-lo demais a ponto de não ter chance de um resultado positivo. Vale a pena pesquisar”. Ele falou disto várias vezes e exigiu de alguns de nós a promessa de que seria tentado. Como soube desde então, tratava-se de injetar éter para ver se ele falava e o que falava.

Ele nos disse para deixarmos espaço na frente da janela para que pudesse ter luz, e se ele visse algo que provasse a imortalidade, diria-nos, caso tivesse força até mesmo para sussurrar, e nos diria a verdade. Em seguida, falou de uma luz, mas após ficar em silêncio por algum tempo, disse que entendia a filosofia da luz, que era uma ocorrência natural e nos explicou. Ele tinha momentos de silêncio, como se estivesse afundando, mas acordava e falava. Ele chamou um dos vizinhos (que estava sentado e esfregava seu pé direito) e disse: “olhe agora, Sr. Fordham: nós conversamos muito sobre a imortalidade. Vejo você esfregando meu pé, mas só tenho a visão para me informar. Não consigo sentir você; meu corpo está quase morto. Mas já viu minha mente mais clara? Ainda não está morrendo”. O Sr. Fordham disse: “nunca vi nada parecido”. O Dr. Wiltse disse: “este é meu último argumento. Você começa a se convencer?” Logo depois disto, ele fechou os olhos e pareceu ficar totalmente inconsciente. Não pensei que estivesse totalmente morto, embora muitos tenham pensado. Após cerca de meia-hora, de repente, ele abriu os olhos, fitou em volta como se estivesse muito surpreso e disse: “eu tenho de morrer de novo?” Então, disse-nos para não termos mais medo, pois ficaria bom; que seu trabalho não estava terminado e que ele viveria até que estivesse. Disse que tinha estado no outro mundo e começou a contar coisas que tinha visto, e disse que éramos imortais. O Dr. Raynes o fez parar de falar várias vezes; mas ele logo começava de novo e, assim, em pouco tempo, contou aos poucos a mesma história que já foi impressa, e que ele leu para mim antes de ser impressa e desde então, para ver se foi contada como eu me lembrava dela. Vim para o Kansas junto com ele e, então, li a história antes de ser impressa, e é exatamente como ele contou, no que diz respeito aos incidentes, e ele deve ter pensado muito rápido se não for verdadeira.

*Lembro-me claramente que, enquanto ele dormia, a Sra. Wiltse e a irmã do médico (a Srta. Sara E. Wiltse) estavam sentadas ao seu lado esquerdo. Havia também algumas mulheres à sua frente. Havia também alguns homens na porta, creio que o Sr. H. M. Wiltse, irmão do médico, e o Dr. Raynes<sup>31</sup>.*

As lavagens na rua durante o adoecimento do médico foram consideravelmente aprofundadas e ampliadas, pois a rua em frente à sua casa tem um declive pesado. Tenho certeza de que mostrou muita diferença desde a última vez que a viu antes disto até o dia em que quase morreu, pois chovia muito na época.

A. J. Howard.

Estado do Kansas, Morris County.

A. J. Howard, devidamente juramentado, depõe e diz que todos os fatos declarados no instrumento interno e anexo são verdadeiros, de acordo com seu julgamento e crença.

Assinado e juramentado perante mim, um Tabelião Público em e para o Condado de Morris, Estado do Kansas.

H. S. Miller, Notário Público,

Com. Ex., 21/03/1892.

William T. Howard.

Skiddy, Morris Co., Kansas, 28/06/1890.

Sr. Richard Hodgson, Boston.

Sr.: eu estive com o Dr. A. S. Wiltse e ajudei a cuidar dele por muitos dias enquanto permaneceu doente no Tenessi há cerca de um ano. Estava presente naquele dia em que seus amigos e seu médico supuseram que ele estava morrendo; percebi que estava sem pulso há várias horas e o médico, o Dr. S. H. Raynes, relatou o mesmo também. Perguntei ao Dr. Raynes em particular sobre suas chances de vida, e foi-me dito que era totalmente impossível para ele se recuperar, pois já estava morrendo. Fiquei muito agitado com esta informação até que o Dr. Wiltse pediu a seus amigos que ficassem muito quietos e atentos para que

---

31 Itálico meu. O ponto de Wiltse.

pudessem observar atentamente qualquer sinal que ele fornecesse e que fosse a prova para eles da imortalidade como um fato em vez de uma mera esperança ou crença. Ele perguntou se o médico estava bem convencido de que sua mente estava clara, de modo que o que ele dissesse fosse inteiramente digno de crédito. O Dr. Raynes lhe disse que era tão clara quanto aquela de qualquer homem saudável. O Dr. Wiltse disse que acreditava que sim, e devo dizer que nunca vi ninguém exibir maior clareza de intelecto.

Então, o Dr. Wiltse disse que devíamos ficar perto dele, pois sua voz estava fraca, para que pudéssemos ouvir até mesmo um sussurro, e que se ele visse algo que fosse uma prova, diria-nos, e que podíamos confiar no que ele conseguisse nos dizer.

As pupilas de seus olhos se abriram e, assim, sua visão começou a falhar tanto que ele se queixou disto, quando disse que viu uma luz no final do quarto na janela, mas logo depois disse que havia descoberto o que era, e explicou-o com base em algum plano científico que não me lembro, mas que soou razoável.

Fiquei tão interessado em sua conversa que não me senti mais nervoso; fui e fiquei ao lado de sua cabeça para que pudesse ouvir qualquer palavra que ele dissesse. Creio que todos na sala devem ter sentido o mesmo, pois notei que a maioria parou de chorar e se amontoou em volta dele como se desejasse e esperasse ouvir algo curioso e interessante.

Seus olhos finalmente se fecharam, e ele ficou por algum tempo como um morto. Não sei por quanto tempo, mas abriu os olhos de repente e, como se estivesse muito surpreso, disse com veemência: “o que aconteceu? É possível que eu tenha de morrer de novo?”

Então, ele começou a nos contar coisas que tinha visto, mas o médico assistente interferiu e disse que não devia falar. Então, o Dr. Wiltse disse que nos contaria tudo sobre isto em breve, e logo depois contou a mesma história substancialmente como publicou desde então.

Quanto aos assuntos vistos por ele na sala etc., *lembro claramente que a porta estava parcialmente aberta e que dois homens permaneceram nela por uma parte do tempo*, embora não tenha certeza quem eram. Choveu bastante enquanto ele estava doente, mas não choveu naquele dia em particular, pois foi um dia claro. Não tenho dúvidas de que as manchas na rua haviam mudado muito do que eram quando ele as viu pela última vez com seus olhos naturais. *Lembro-me também que havia algumas mulheres sentadas à sua frente, embora não tenha certeza de quantas*<sup>32</sup>. Eu o ouvi relatar sua estranha experiência pela primeira vez logo depois que ele acordou, e o ouvi relatá-la provavelmente para uma vintena ou mais de pessoas desde então e duas vezes para o público, e propositalmente fiquei atento a quaisquer declarações contraditórias que pudessem colocar em dúvida toda a sua plenitude de verdade. Também li sua declaração publicada, mas em tudo ele nunca cruzou suas declarações. A experiência evidentemente lhe causou uma forte impressão, pois nunca o ouvi expressar qualquer dúvida quanto à imortalidade desde então, embora antes disto ele muitas vezes expressasse medo e dúvidas sobre o assunto. Sinceramente,

W. T. Howard

Estado do Kansas, Morris County

William T. Howard, estando devidamente juramentado, diz que o acima é verdadeiro em todos os assuntos ali declarados.

W. T. Howard.

Assinado e juramentado perante mim, um Tabelião Público em e para o Condado de Morris, Estado do Kansas.

H. S. Miller,

Notário Público, Com. Ex., 21/03/1892.

Srta. Sara E. Wiltse, Corunna, Michigan

Corunna, Michigan, 10/07/1890.

Sr. Hodgson.

Caro Sr.: não posso fazer esta declaração tão breve quanto gostaria porque o valor dela depende

---

32 Itálicos meus. O ponto de Wiltse.

de alguns detalhes.

O Dr. A. S. Wiltse é meu irmão e, se eu tivesse imaginado que sua doença não era fatal, certamente teria anotado sua condição dia após dia. Creio que seu registro no *Jornal de Medicina e Cirurgia de Saint Louis* foi notavelmente claro e exato, *até mesmo quanto às nossas posições ao lado do que supomos ser seu leito de morte. Em sua primeira publicação, o Sr. e a Sra. Carpenter leram aquele relatório comigo e o consideraram em harmonia com o que sabíamos ou podíamos lembrar das circunstâncias, exceto que eu acreditava que meu irmão estava enganado sobre minha posição ao lado de sua cama, mas tanto o Sr. quanto a Sra. Carpenter me garantem que minha memória e não a de meu irmão está falhando neste particular*<sup>33</sup>. A Sra. Carpenter está com problemas de saúde e eu não gostaria que ela examinasse este assunto doloroso no momento; caso contrário, ela responderia ao seu pedido por uma declaração.

Quando meu irmão, o honorário H. M. Wiltse, e o Sr. e a Sra. Carpenter vieram em resposta ao meu telegrama, concordamos de que não haveria nenhum momento (no que supúnhamos ser o breve resto da vida do Dr. Wiltse) em que ele não conseguisse ver ou tocar seu irmão, sua irmã ou sua sobrinha, as únicas pessoas presentes que faziam parte do antigo círculo familiar. Também resolvemos que, a qualquer custo para nós, ele não deveria ser perturbado por lágrimas ou tons tristes.

O Dr. Wiltse tem e sempre teve tendências muito fortes para crenças no sobrenatural, e tem sido um caçador de fantasmas, visitando casas “assombradas” e investigando todas as superstições populares que encontra. Seu irmão, Henry M. Wiltse, é advogado, com pouca paciência para tais especulações. Eu sou professora, creio fortemente na imortalidade da alma, mas não em visitantes fantasmagóricos, embora todos os fenômenos desta natureza fossem um tema favorito nas conversas entre o Dr. Wiltse e eu. Afirmo que uma pessoa que vê espíritos está em uma condição anormal e precisa de tratamento médico, assegurando-lhe que, sempre que eu visse um, eu mandaria chamá-lo com sua lanceta e seus pós. Também professor, o Sr. Carpenter é uma espécie de teosofista moderno; professora de música, a Sra. Carpenter possui uma mentalidade decididamente prática, crendo na possibilidade de que um espírito desencarnado possa ser visto, mas nunca se debruçando sobre o assunto, pois é bastante reticente em virtude de assuntos mais sérios. Tais foram nossas atitudes mentais quando nos reunimos para o que, supúnhamos, haveria de ser nosso último encontro terreno. Nunca conheci os médicos presentes até aquela semana e, no momento, não sei quais são suas crenças.

Meu irmão ansiava por alguma visão celestial. Creio ter ficado profundamente desapontado porque não viu anjos e não ouviu serafins, pois, antes de sua inconsciência, ele expressou surpresa por estar tão perto da outra vida e não ter nenhuma impressão dela através de seus sentidos corporais. Lembro-me perfeitamente de sua atenção para com sua visão deficiente, sua medida da diminuição do comprimento da visão e seu relato da crescente obscuridade enquanto sua voz ainda estava razoavelmente clara. Muitas vezes nos perguntou se ainda acreditávamos na vida eterna mesmo naquela circunstância, e parecia aumentar sua esperança que acreditássemos sem a ajuda de visões ou sons inexplicáveis. Enquanto ansiava por alguma revelação notável, ele ainda se regozijava de seu vigor mental e, de vez em quando, perguntava ao médico assistente se ele lhe parecia estar a divagar, pois lamentaria não estar de plena posse de suas faculdades mentais quando corpo e espírito se separassem.

Lembro-me perfeitamente da tentativa que ele fez de endireitar seus membros enrijecidos, pois, embora não conseguisse falar, sorriu agradecendo pelo serviço que prestei ao ajudá-lo naquele último esforço físico. Pensei que ele pôde sentir meu toque, e acreditei que ele viu meu rosto e, assim, não me permiti ir às lágrimas. Só quando tivemos certeza de que todos os seus sentidos corporais haviam falhado é que me permiti chorar; *portanto, sua linha de pensamento singularmente bem lembrada sobre sua alma, e sua observância de sua esposa e irmã chorando, devem ter ocorrido enquanto ele estava aparentemente inconsciente*<sup>34</sup>, e depois que o médico declarou a vida extinta.

Que não foi um delírio comum ou mesmo extraordinário de um cérebro febril parece comprovado por sua contínua clareza mental; em nenhum momento de sua doença houve o habitual delírio febril, mesmo naqueles dias que ficaram em branco em sua memória. Creio que ele estava perfeitamente ciente do momento presente, seus sintomas e seus acompanhantes durante todo o tempo em que esteve consciente, mas não conseguia se lembrar de hora em hora que medicamentos haviam sido administrados. Ele prescreveu para si mesmo com admirável habilidade, mas perguntava aos outros médicos se tal remédio já havia sido tentado, e foi tão profissionalmente cortês com eles como se estivesse consultando outro paciente. Lembro-me de ele dizer-lhes que não se esquecia de que era o doente e que não oporia a opinião do paciente à dos médicos, e não

---

33 Itálicos meus. O ponto de Wiltse.

34 Itálico meu. O ponto de Wiltse.

mostrava nada da bravata que um médico delirante poderia ter apresentado. Sentei-me com ele muitas noites seguidas (um médico dormindo em seu consultório) e, quando havia alguma mudança alarmante em sua condição, ele me dizia imediatamente o que ministrar - caso parecesse não haver tempo a perder em pedir socorro, sempre insistindo depois que eu devia falar com o médico para ter certeza de que o remédio fora aprovado por um médico de saúde. As condições alarmantes surgiram de repente e eram extremamente perigosas, mas a frieza e o bom senso do Dr. Wiltse foram invariavelmente elogiados pelos outros médicos; sua falha de memória finalmente interferiu na segurança de seu próprio conselho; porém, mesmo assim, seu julgamento era perfeitamente correto, e não houve confusão de sintomas ou de tratamento.

A febre era de um tipo muito incomum, e um dos médicos assistentes tinha um livro com a descrição de um caso semelhante. O Dr. Wiltse quis lê-lo, mas o outro médico fingiu que se esquecera de trazê-lo, dizendo-me que havia pontos que meu irmão não devia ler naquelas circunstâncias; meu irmão se sentiu magoado pelo esquecimento do médico em um momento daquele. Felizmente, ele mesmo se esqueceu do livro após algumas horas. Todas estas lembranças são para mostrar a condição mental e física do meu irmão como eu as observei naquela doença.

Eu mesma tive e vi vários casos de febre tifoide, tendo acompanhado um primo por vários dias antes e em todas as horas de sua morte.

Já assisti a várias pessoas morrerem de várias doenças e, infelizmente, estou familiarizada com os sintomas da aproximação da morte. Eu não tinha esperança alguma na recuperação do meu irmão depois que as convulsões se instalaram, embora tenha me reunido a todos os esforços feitos para prolongar sua vida.

Seu afundamento e todos os sintomas anteriores eram tão parecidos com a morte que sempre penso na ocasião como “quando ele morreu”, e tenho de pensar duas vezes antes de falar com precisão do momento em que ele pareceu morrer.

Parece-me que o valor psicológico desse fenômeno reside na provável atividade da mente durante a aparente inconsciência, e não em quaisquer conjecturas aventuradas sobre as relações entre a vida e a morte que poderiam nele se basear, embora se deva reverenciar a opinião de qualquer um que pensa como algumas das boas pessoas da montanha, que o Dr. Wiltse realmente morreu e voltou à vida. Muito respeitosamente,

Sara E. Wiltse

Finalmente, temos agora o relato do médico presente, como segue:

Kismet, Morgan Co., Tenessi, 31/03/1892.

Sr. R. Hodgson, LL.D.

Caro Sr.: eu era o médico assistente presente quando o Dr. A. S. Wiltse esteve aparentemente morto, em 08/1889. Observei seus sintomas de perto e, se existem sintomas que indicam um paciente *in articulo mortis* que não estavam presentes em seu caso, eu os ignoro. Em determinado momento, supus que ele estava realmente morto tão completamente quanto alguma vez supus alguém morto. Enfiei uma agulha profundamente na carne em diferentes pontos e não obtive nenhum sinal de sensibilidade. Não havia pulso nem sons cardíacos perceptíveis. Até onde é observável, a respiração estava absolutamente suspensa.

S. H. Raynes, médico

Talvez alguns leitores sorriam com esse paralelo altamente modernizado da cena de morte do *Fédon*. Mas certamente o próprio Sócrates teria sido o primeiro a aprovar a tentativa resoluta do Dr. Wiltse de substituir a *opinião* pelo *conhecimento* na mais pesada de todas as crises. Nem precisamos encontrar algo de irreverente nesta absorção no experimento em face à morte que avança. O ‘verdadeiro nome da morte’, disse o Laureado, ‘é Avante’; e para um agnóstico, ao menos, nenhuma atitude na última hora terrena pode ser mais viril do que o desejo de que sua própria experiência de despedida deixe luz e esperança para outros homens.

Aqui, de qualquer forma, qualquer que seja a visão que tenhamos sobre a fonte ou o conteúdo da visão do Dr. Wiltse, o fato é que o paciente (não obstante estar em estado comatoso,

quase sem pulso e com uma temperatura muito abaixo da normal) experienciou uma série notavelmente vívida de impressões mentais. Portanto, fica claro que podemos errar em outros casos ao assumirmos prematuramente que todo o poder de percepção ou inferência cessou.

Ponto de lado o elemento manifestamente onírico ou simbólico da visão, observamos que o Dr. Wiltse crê que sua percepção das pessoas na sala e das ruas lavadas pela chuva lá fora foi do tipo clarividente. Mas isto não pode ser provado; pois a imagem das ruas poderia se dever à inferência inconsciente; e alguma agudeza perceptiva semelhante àquela do sujeito hipnotizado letárgico poderia explicar seu conhecimento dos movimentos na sala feitos após seus olhos serem fechados. Seja como for, é provável que, se ele realmente tivesse morrido e se algum tipo de mensagem sua tivesse sido posteriormente recebida, tal mensagem poderia incluir fatos sobre a cena da morte que os sobreviventes creriam terem sido por ele desconhecidos enquanto ainda vivo, e que ele de fato os adquiriu durante seu estado comatoso.